

-- CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS --**Texto 9A1**

No cotidiano de todo brasileiro, podemos visualizar as marcas que constituíram, a partir do século XVI, a presença dos povos africanos, de origem Banto e Iorubá, no Brasil. Essa presença está nas palavras que falamos, na gestualidade que produzimos e no nosso modo de pronunciar a língua portuguesa falada no Brasil.

A entrada de grande número de africanos no Brasil, com suas diferentes culturas e línguas, passou por um processo de adaptação, de certo ajuste cultural e linguístico com a assimilação de novas palavras e, conseqüentemente, da forma como elas orientavam o entendimento da nova realidade vivida em português. Entretanto, ainda é possível visualizar a presença das palavras africanas nos diferentes espaços da cultura brasileira.

O Museu da Língua Portuguesa, ao expor o acervo de palavras africanas que entraram no vocabulário da língua portuguesa, favorece reconhecer a história da população africana no Brasil como agente da cultura e da língua portuguesa que se desenhava sobre este solo. No setor Palavras Cruzadas do museu, por exemplo, visualizam-se palavras que nos ensinaram a nomear determinados comportamentos, como: bagunça lengalenga, dengo. Essas são algumas das palavras africanas que continuam vivas a significar comportamentos e relações sociais. Outras ganharam o sentido de gíria na língua portuguesa falada no Brasil, como borocoxô, cafofo.

A cultura é algo que está no corpo, nos gestos, na memória, na forma de andar, no contorno das expressões verbais e não verbais. Não é possível perdê-la. A mudança de um contexto cultural para outro acompanha adaptações e recriações dadas em palavras, por isso podemos falar em um movimento de antropofagia simbólica no lugar de uma simples assimilação de palavras e práticas.

As línguas mudam ao acompanharem a história dos seus falantes. Esta é a história da língua portuguesa em solo brasileiro: ela também pode adaptar-se às novas relações linguísticas e culturais. No Brasil, a manutenção da estrutura latina da língua portuguesa não impediu que esta acolhesse uma nova sonoridade em relação à sua matriz e incorporasse um grande vocabulário de palavras que veio de outras línguas.

Como um detetive que reúne pistas para contar uma história, as palavras africanas expostas no acervo do Museu da Língua Portuguesa compõem o papel de traduzir os sentidos e significados compartilhados na cultura brasileira. É uma história nem sempre contada em livros didáticos, mas que carregamos conosco para os diferentes lugares a que podemos ir. A importância da língua portuguesa como um bem museológico se faz nesse ato de contar histórias que não são definidas por nós, mas são praticadas e vividas coletivamente.

Wilmihara Santos.

A presença africana nas palavras que falamos em português.
2018. Internet: <museudalinguaportuguesa.org.br> (com adaptações).

Considerando os sentidos e aspectos linguísticos do texto 9A1, julgue os itens seguintes.

- 41 As palavras “conseqüentemente” e “entendimento” são formadas por derivação prefixal.
- 42 No último período do quarto parágrafo, o termo “antropofagia” é empregado com sentido metafórico, como resultado de uma comparação implícita.
- 43 O primeiro período do quarto parágrafo é construído com sentido conotativo.
- 44 Os vocábulos “língua” e “história” são acentuados graficamente em razão da regra que determina que se acentuem palavras paroxítonas terminadas em ditongo crescente, seguido, ou não, de s.
- 45 Nos vocábulos “que”, “processo” e “adaptação”, identificam-se grupos de duas letras que representam um só fonema.

Em relação ao texto 9A1 e a aspectos gramaticais a ele relacionados, julgue os itens que se seguem.

- 46 Classifica-se como indeterminado o sujeito da primeira oração do segundo período do quarto parágrafo.
- 47 No primeiro período do último parágrafo, a conjunção “Como” classifica-se como subordinativa adverbial comparativa.
- 48 Dada a finalidade comunicativa do texto, é correto afirmar que nele predomina a função fática da linguagem.
- 49 No primeiro período do primeiro parágrafo, o segmento “as marcas” desempenha a função sintática de sujeito da oração que o sucede.
- 50 No último período do segundo parágrafo, a substituição de “Entretanto” por **Conquanto** manteria a correção gramatical e a coerência das ideias do texto.
- 51 No trecho “que nos ensinaram a nomear determinados comportamentos” (segundo período do terceiro parágrafo), completam o sentido do verbo da primeira oração um complemento direto — “nos” — e um complemento indireto — a oração regida pela preposição “a”.
- 52 No último período do texto, a substituição de “se faz” por **faz-se** manteria a correção gramatical do texto.

Espaço livre

O repórter conta antes do memorialista, e o torna inútil. Sabemos hoje de cada literato o que ele come e bebe, o clube esportivo a que se consagrou, o número de seus sapatos e de suas camisas, se é supersticioso, se ajuda a mulher em casa, se fila cigarros ou os compra, se tem medo de morrer e se ronca. O escritor deixa-se fotografar de pijama, brincando com os netos ou soltando pandorga na praia.

É visível que tais circunstâncias não deixam margem à sobrevivência dos gêneros clássicos da biografia, da autobiografia, do diário íntimo e das memórias. A fórmula jornalística superou a calma atitude do homem que sacava da pena de pato para confiar ao papel de boa fibra um segredo da juventude a ser revelado aos pósteros.

Essa contínua e imediata exposição do presente retira ao homem uma de suas dimensões essenciais, que é o passado. Inibe-o de recordar, porque ele já não acumula no esquecimento, para depois reviver. Sua vida vai desfilar ao alcance e à mercê de seus olhos e dos alheios, e, se está enfadado de se assistir viver em todo o impudor dessa publicidade, só lhe resta apertar um botão e desfigurar essa espécie de aparelho supersônico em que, como num filme falado, nossa vida moderna se desenrola.

E, mais do que nenhum outro ser, o escritor precisaria de retraimento que o reconduzisse à intimidade consigo mesmo e às raízes da vida, que lhe cabe pesquisar e interpretar. Sua pessoa devia ser objeto de clausura perfeita, só interrompida pelos surtos naturais de sua avidez de comunicação, ou pelas atividades peculiares ao ofício.

Nem se chame a isto de solidão orgulhosa ou inumana, prejudicial às fontes da criação. O melhor ou o único, porque específico, do escritor é o que ele escreve; o mais se dilui nas condições comuns a todo cidadão.

Já é tempo de o escritor voltar a seu ofício.

Carlos Drummond de Andrade. *Memórias*.
In: *A manhã; suplemento letras e artes*, 15/3/1953.
Internet: <memoria.bn.gov.br> (com adaptações).

Considerando o texto apresentado, julgue os itens a seguir.

- 53 Conforme empregados no texto, os verbos “pesquisar” e “interpretar” (primeiro período do quarto parágrafo) pertencem ao mesmo campo semântico do vocábulo “ofício” (último parágrafo).
- 54 Após o primeiro parágrafo, predomina no texto a tipologia textual descritiva.
- 55 O segundo período do primeiro parágrafo apresenta uma enumeração de elementos que, estilisticamente, cumprem função simbólica, e não apenas referencial.
- 56 A linha de coerência argumentativa do texto, seguida em todos os seus parágrafos, pode ser resumida na afirmação de que repórteres contribuem para a reclusão do escritor.
- 57 Segundo as ideias do texto, a sistemática jornalística de expor detalhes da vida pessoal dos escritores tornou obsoletos alguns gêneros textuais.
- 58 No trecho “confiar ao papel de boa fibra um segredo da juventude a ser revelado aos pósteros” (último período do segundo parágrafo), o autor faz referência à produção do gênero textual que dá título ao texto.
- 59 Seria coerente com as ideias do texto interpretar a conjunção “E” (início do quarto parágrafo) como adversativa.
- 60 A expressão “o mais” (segundo período do penúltimo parágrafo) representa uma marca de oralidade reproduzida pelo autor no texto.
- 61 O vocábulo “porque”, no segundo período do penúltimo parágrafo, funciona como um operador textual argumentativo de valor conclusivo.

O ensino e a aprendizagem da leitura e da escrita precisam levar em conta, atualmente, a variedade dos modos de comunicação existentes, o que chamamos de multimodalidade. Nessa nova perspectiva, que se opõe às abordagens educacionais ocidentais mais tradicionais, devem-se considerar os modos de comunicação linguísticos — a escrita e a oralidade —, visuais — imagens, fotografias — ou gestuais — apontar o dedo, balançar a cabeça negativa ou afirmativamente, por exemplo. Essa diversidade de modos de comunicação foi incorporada tanto pelos meios de comunicação mais tradicionais, como livros e jornais, quanto pelos mais modernos, como computadores, celulares, televisão, entre outros. Dessa forma, professores precisam preocupar-se, atualmente, em ensinar não só as habilidades técnicas necessárias para manusear os diferentes meios de comunicação, mas também o metaconhecimento que é necessário para compreender, de maneira integrada e significativa, as diferentes mídias e seu funcionamento. Isso já vem ocorrendo — e deverá ampliar-se cada vez mais — a partir dos anos iniciais de escolarização.

Os educadores precisam, portanto, levar os alunos a desenvolver o conhecimento e as habilidades necessárias para produzir significados. Assim como as abordagens etnográficas utilizadas para compreender o fenômeno do letramento procuram entender os usos e os significados da leitura e da escrita em determinados contextos sociais, também a nova abordagem da multimodalidade pode contribuir para o entendimento dos contextos de comunicação, focando modos e mídias específicos, em determinados contextos sociais e culturais.

Internet: <ceale.fae.ufmg.br> (com adaptações).

Considerando o texto apresentado e os conceitos de semiótica, multiletramento e multimodalidade, julgue os itens a seguir.

- 62 O trabalho com o conceito de multimodalidade no ensino de língua portuguesa tem grande importância no âmbito da cultura digital de hoje.
- 63 Infere-se do texto que o ensino da leitura, quando atravessado pela noção de multimodalidade, prescinde de considerar o conhecimento prévio dos estudantes.
- 64 Infere-se do texto que o conceito de multiletramento está vinculado à importância de se aprender a decodificar prioritariamente textos escritos em diversos contextos de comunicação.
- 65 Aprender a ler, de acordo com o texto, é desenvolver habilidades que propiciem reflexão crítica sobre o ato da leitura e seus contextos.

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) do ensino médio para o componente curricular de língua portuguesa, julgue os itens subsequentes.

- 66 Na BNCC de língua portuguesa, o campo da vida pessoal funciona como espaço de articulações e sínteses de aprendizagens de outros campos.
- 67 Ao apresentar o contexto do ensino médio, a BNCC acentua a importância de fenômenos contemporâneos da comunicação digital e seus efeitos sobre o ensino da leitura.
- 68 A BNCC do ensino médio relega o texto literário a um lugar secundário nos processos de ensino de língua portuguesa.
- 69 Conforme a BNCC, estudantes devem fazer uso competente da língua e de outras semioses, sem necessariamente desenvolver atitude investigativa e criativa em relação a elas.
- 70 De acordo com a BNCC, é preciso combinar práticas de cultura digital e obras de tradição literária nacional.

Como se deve ler um livro?

Quero enfatizar, antes de tudo, o ponto de interrogação no fim do meu título. Ainda que eu pudesse responder à pergunta, a resposta só se aplicaria a mim, não a você. De fato, o único conselho sobre leitura que uma pessoa pode dar a outra é não aceitar conselho algum, seguir os próprios instintos, usar o próprio bom senso e tirar suas próprias conclusões. Se estamos de acordo quanto a isso, sinto-me então em condições de apresentar algumas ideias e lhe fazer sugestões, pois assim você não permitirá que elas restrinjam a característica mais importante que um leitor pode ter: sua independência. Afinal, que leis se podem formular sobre livros? A Batalha de Waterloo foi, sem dúvida, travada em certo dia; mas será **Hamlet** uma peça melhor do que **Rei Lear**? Ninguém o pode dizer; cada um deve decidir por si mesmo essa questão. Admitir autoridades em nossas bibliotecas, por mais embedadas e empelcadas que estejam, e deixar que elas nos digam como ler, o que ler e que valor atribuir ao que lemos é destruir o espírito de liberdade que dá alento a esses santuários. Em qualquer outra parte, podemos ser limitados por convenções e leis — mas lá não temos nenhuma.

Virginia Woolf. *O valor do riso e outros ensaios*.
Tradução: Leonardo Fróes. São Paulo: Cosac Naify, 2014 (com adaptações).

No que se refere às ideias veiculadas no texto precedente, bem como às relações de coesão e coerência nele estabelecidas, julgue os próximos itens.

- 71** No texto, as palavras “independência” (quarto período) e “liberdade” (penúltimo período) estão relacionadas a um campo semântico que contrasta com o campo semântico associado aos termos “autoridades” (penúltimo período) e “limitados” (último período).
- 72** Infere-se do texto que a autora não pode, nem pretende, responder ao questionamento que constitui o título do texto.
- 73** A autora contrapõe a Batalha de Waterloo às obras **Hamlet** e **Rei Lear** com o intuito de argumentar que um fato histórico não pode ser objeto de avaliações e julgamentos, diferentemente de obras literárias, que estão sujeitas às opiniões de cada indivíduo.
- 74** A afirmação de que “o único conselho sobre leitura que uma pessoa pode dar a outra é não aceitar conselho algum” (terceiro período) constitui uma ideia contraditória que compromete a consistência do texto e, conseqüentemente, sua coerência.
- 75** No penúltimo período, a autora adota mais de um tipo de estratégia de coesão textual para remeter ao termo “bibliotecas”.
- 76** Os termos “o”, em “Ninguém o pode dizer” (antepenúltimo período), e “lá”, em “mas lá não temos nenhuma” (último período), pertencem a classes morfológicas distintas, porém ambos funcionam no texto como elementos de retomada anafórica.
- 77** No último período do texto, observa-se o emprego da elipse como estratégia de coesão referencial.
- 78** A opinião da autora acerca da independência do leitor é revelada no quarto período do texto, por meio de uma construção de caráter catafórico.

Por que estimam os homens o ouro e a prata, mais que os outros metais? Porque têm alguma coisa de luz. Por que estimam os diamantes e as pedras preciosas mais que as outras pedras? Porque têm alguma coisa de luz. Por que estimam mais as sedas que as lãs? Porque têm alguma coisa de luz. Pela luz avaliam os homens a estimação das coisas, e avaliam bem, porque, quanto mais têm de luz, mais têm de perfeição. Vede o que notou Santo Tomás: neste mundo visível, umas coisas são imperfeitas, outras perfeitas, outras perfeitíssimas. E nota ele, com sutileza e advertência angélica, que as perfeitíssimas têm luz e dão luz; as perfeitas não têm luz, mas recebem luz; as imperfeitas nem têm luz, nem a recebem. Os planetas, as estrelas e o elemento do fogo, que são criaturas sublimes e perfeitíssimas, têm luz e dão luz; o elemento do ar e o da água, que são criaturas diáfanas e perfeitas, não têm luz, mas recebem luz; a terra e todos os corpos terrestres, que são criaturas imperfeitas e grosseiras, nem têm luz, nem recebem luz, antes a rebatem e deitam de si. Ora, não sejamos terrestres, já que Deus nos deu uma alma celestial; recebamos a luz, amemos a luz, busquemos a luz e conheçamos que nem temos, nem podemos, nem Deus nos pode dar bem nenhum que seja verdadeiro bem, sem luz.

Padre Antônio Vieira. *Sermão do nascimento da Virgem Maria*.
In: *Sermões*. Erechim: Edelbra, 1998.
Internet: <literaturabrasileira.ufsc.br> (com adaptações).

Julgue os itens seguintes, referentes aos indícios contextuais, à organização retórica e à construção dos sentidos no texto precedente.

- 79** A informação de que o ser humano pertence à categoria das coisas perfeitíssimas não está explícita no texto, mas pode ser inferida do último período, que caracteriza as pessoas como dotadas de “alma celestial”.
- 80** A observação de Santo Tomás citada no oitavo período do texto é apresentada como um elemento de apoio à tese defendida no texto, na medida em que exemplifica a ideia de que as coisas, quanto mais têm de luz, mais têm de perfeição.
- 81** Nos seis primeiros períodos do texto, a coesão textual é promovida pelo emprego de estruturas paralelas, com a apresentação de questionamentos seguidos de uma mesma oração como resposta.
- 82** Identifica-se, no texto, relação de antonímia nos seguintes pares de palavras: “imperfeitas” e “perfeitas” (oitavo período); “fogo” e “água” (décimo período); “recebem” e “rebatem” (penúltimo período).
- 83** No penúltimo período, o termo “estrelas” é hipônimo da expressão “criaturas sublimes e perfeitíssimas”, que, por sua vez, é hipônimo da palavra “luz”.
- 84** O emprego de orações adjetivas no penúltimo período consiste em uma estratégia retórica para definir e categorizar substantivos.
- 85** O emprego reiterado do vocábulo “luz” ao longo do texto contribui para a construção da coesão textual, dando ênfase ao assunto principal do texto.

Com o próximo casamento e partida para a Europa de minha filha Susana, andei arquitetando um meio de extorquir-lhe o meu retrato, feito por Candinho Portinari em 1938, que ora lhe pertence, de que muito gosto e que deve ter, aliás, na obra do pintor, certa importância, pois foi o primeiro, ao que eu saiba, realizado com inteira liberdade, depois da grande série de “retratos sociais” (chamemo-los assim, sem qualquer desdouro, nem para o artista, nem para os retratados) que ele andou pintando de alguns membros ilustres de nossa sociedade e de nossa inteligência. Lembra-me mesmo que, ao me propor fazê-lo, sabendo que eu estava de partida para a Inglaterra, Candinho sugeriu-me, com aquela eterna rabugice sua, que eu o deixasse pintar livremente, pois estava um pouco cansado do gênero de retratos que fazia e que tanto afagavam a vaidade da maioria dos retratados. Sei que em duas poses, em sua antiga casa das Laranjeiras, o retrato estava pronto e era como se se respirasse um novo ar dentro dele. Dias depois, estando eu no cais para embarcar em minha primeira grande viagem, chega ele sobraçando o retrato, que vinha oferecer-me. Mas a primogênita foi inflexível, no egoísmo do seu amor filial.

Vinicius de Moraes. *Para viver um grande amor*. 2008, p. 34 (com adaptações).

Em relação aos sentidos e a aspectos linguísticos do texto apresentado, julgue os itens que se seguem.

- 86** Entende-se da leitura do texto que, do ponto de vista do narrador, tanto o amigo pintor (Candinho) quanto a filha primogênita (Susana) despertam lembranças que evocam o egoísmo.
- 87** Estariam mantidos o sentido original e a correção gramatical do texto caso o segmento “Com o próximo casamento e partida para a Europa de minha filha Susana, andei arquitetando um meio de extorquir-lhe o meu retrato” (primeiro período) fosse assim reescrito: **Com os próximos casamento da minha filha Susana e partida para a Europa, andei arquitetando extorquir o meu retrato dela.**
- 88** O trecho “Lembra-me mesmo que” (segundo período), em que o verbo **lembrar** é empregado de modo formal, pode ser reescrito, sem prejuízo de significação e mantendo-se o registro de formalidade, por **Eu me lembro que.**
- 89** No segmento “que vinha oferecer-me” (quarto período), também estaria correto o uso de próclise do pronome ao auxiliar — **que me vinha oferecer.**
- 90** No que se refere a relações entre orações e elementos de ligação, no trecho “era como se se respirasse um novo ar dentro dele” (terceiro período), observa-se hipótese cuja ideia é ratificada pelo emprego do verbo **respirar** no modo subjuntivo.

Paris, fim do inverno, 1979.

Apesar do frio, abri um pouco a janela, o cheiro no estúdio é insuportável. Tento fazer uma versão francesa de **Tecendo a manhã**, meu aluno de Neuilly-sur-Seine se interessou pela poesia brasileira, pinçou esse poema belíssimo e cabeludo do João Cabral de Melo Neto, e ainda me pediu um comentário, promessa de uma ótima gorjeta. É o aluno mais antigo, e o mais empenhado em aprender a língua portuguesa. A gente se conheceu no Café des Arts, onde eu distribuía folhetos anunciando aulas de português (Brasil). É um diletante solitário, entusiasmado com a arte e a literatura da América Latina e da África. Nas primeiras aulas, depois dos meus comentários sobre a situação política na América do Sul, ele disse que as atrocidades só mudam de tempo e lugar. Ele se interessou pela poesia do João Cabral quando lhe mostrei **Estudos para uma bailadora andaluza**; quis ler outros, e assim chegamos ao **Tecendo a manhã**. “Um galo sozinho não tece uma manhã: / ele precisará sempre de outros galos.” Comecei a escrever uma versão francesa do poema, mas empaquei nestes versos: “e de outros galos / que com muitos outros galos se cruzem / os fios de sol de seus gritos de galo, / para que a manhã, desde uma teia tênue, / se vá tecendo, entre todos os galos”. Nesta solidão e com esse frio, sem fios de sol e gritos de galo, será difícil tecer a manhã em Paris.

Milton Hatoum. *Pontos de fuga*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p. 59-60 (com adaptações).

Julgue os próximos itens, relativos a aspectos linguísticos do texto precedente.

- 91** Sem prejuízo à correção gramatical e aos sentidos do texto, o trecho “será difícil tecer a manhã em Paris” (último período) poderia ser reescrito da seguinte forma: **A manhã será difícil de que eu teça em Paris.**
- 92** No trecho “meu aluno de Neuilly-sur-Seine se interessou pela poesia brasileira, pinçou esse poema belíssimo e cabeludo do João Cabral de Melo Neto” (segundo período), o autor contrasta poesia e poema, uma vez que, em sentido literário, poesia é entendida como gênero de produção textual, de estrutura variada, que usa palavras como matéria-prima, ao passo que poema aponta obra específica da poesia, caracterizada por sua forma fixa, relativamente aos versos e às sílabas dos versos.
- 93** No trecho “A gente se conheceu no Café des Arts, onde eu distribuía folhetos anunciando aulas de português” (quarto período), o vocábulo “folhetos”, nesse caso, remete ao gênero textual do tipo informativo.
- 94** É possível inferir da leitura do segundo período que a relação entre as estruturas oracionais “Tento fazer uma versão francesa de **Tecendo a manhã**” e “meu aluno de Neuilly-sur-Seine se interessou pela poesia brasileira” evoca causalidade.
- 95** No segmento “entusiasmado com a arte e a literatura da América Latina e da África” (quinto período), a relação entre os constituintes que nomeiam os continentes pode ser feita corretamente com adjetivos da seguinte forma: **entusiasmado com a arte e literatura latino-americanas e africanas.**
- 96** O quarto período do texto pode ser reescrito, sem prejuízo da correção gramatical e com mais formalidade, da seguinte forma: **Conhecemo-nos no Café des Arts, que eu distribuía material de divulgação sobre minhas aulas de português.**

Manu, S. Paulo, 6-VIII-33

Estou fazendo *week-end...*, dando um balanço geral em tudo quanto tenho que responder, livros a agradecer, papelada pra distribuir nos lugares, etc., etc. Seus comentários sobre o meu “O desespera” quase que me desesperaram. Não é justo você dizer que pra mim é atual falar numa coisa, como se eu não me rendesse a razões plausíveis. Me rendo sim senhor. Confesso com lealdade que jamais refleti seriamente sobre isso, isto é, seriamente, refleti, sim, mas não refleti longamente. Mas a seriedade está nisto: emprego flexões pronominais iniciando a frase, coisa que literariamente é erro. Me parece etc. Devo empregar também literariamente “O desespera” porque o caso é absolutamente o mesmo. Se trata de uma ilação, é verdade, mas ilação absolutamente lógica sobre o ponto de vista filosófico, e tirada da índole brasileira de falar, o que a torna, além de filosoficamente certa, psicologicamente admissível. Diz você que não se trata dum fato de linguagem brasileira. Poderei estar de acordo. Mas isso se dá simplesmente porque o povo, pelo menos o povo rural que é a grande e pura fonte, ignora o pronominal, e diz, por exemplo, “fazer isso” e “dizer isso” “desespera ele” por fazê-lo e dizê-lo. Você tem o argumento dos alfabetizados da cidade. Sim, mas estes, desde que ponham um reparo na fala, já não dizem “me parece” também, porque o professor da escola primária proibia. Mas se dizem, sem querer, “me parece” por que, então, não dizem “o desespera”?

Ciao, com abraço.

Mário de Andrade. *Cartas a Manuel Bandeira*, 2001, p. 222-3 (com adaptações).

Julgue os próximos itens, acerca das ideias e de aspectos textuais e gramaticais do texto precedente.

- 97** O segmento ‘desespera ele’ (décimo segundo período) é exemplo de emprego de pronome do caso reto, em vez de pronome oblíquo átono, em posição de complemento verbal.
- 98** Na carta, Mário de Andrade mostra interesse em apontar, a partir da questão da colocação pronominal, uma identidade linguística nacional brasileira.
- 99** Em cartas pessoais, como as escritas por Mário de Andrade a Manuel Bandeira (“Manu”), o emprego de sinal de pontuação após o vocativo é facultativo.
- 100** Depreende-se das ponderações de Mário de Andrade que as diferenças no que se refere a aspectos da colocação pronominal no Brasil são facilmente explicadas com base no grau de escolaridade dos brasileiros.

Espaço livre